

## 4.O Diário da Praia da Saudade

*“A minha casa era uma velha habitação roceira, vasta e cômoda, com grandes salas e amplos quartos, de um plano simples e tosco, (...). Tinha de frente cerca de quatrocentos metros de um bambual cerrado e verde que suspirava quando de tarde a viração soprava do mar. De fundo, possuía cerca de oitocentos metros e toda a sua área coberta de capoeirões e cheio de formigueiros, que permitiam a custo qualquer cultura e, das fruteiras, só deixavam medrar os cajueiros que eram o orgulho da minha residência. Nunca os vi tão belos e talvez nunca mais chupe cajus tão doces com tanta volúpia.”*

(Lima Barreto, *Feiras e Mafuás*)

Esta bela descrição é feita por Lima Barreto em uma de suas crônicas publicadas no *Almanaque d' A Noite* em 1921 e se refere à casa em que morou na Ilha do Governador. Era uma construção bem ampla, como a descrição sugere, e cercada por *uma fauna bem regular*, como o escritor costumava dizer. Lá, na sua meninice, gostava de caçar quatis, tatus e lagartos e armou muitas arapucas para prender sanhaços e saracuras que por aquelas bandas viviam. A casa ocupava uma parte do terreno de uma antiga fazenda na qual foram instaladas as Colônias de Alienados de São Bento e de Conde de Mesquita quando da Proclamação da República. *“A minha casa, diria o escritor, ocupava um retalho da antiga fazenda de monges e a sua história se misturava com a dos amores de um frade.”*<sup>1</sup> Lima confirmaria a localização das Colônias, nessa mesma crônica publicada em 1921, na qual escreveu, *“As Colônias estão estabelecidas em terra dos frades de São Bento e até uma delas fica mesmo no antigo mosteiro que se alonga à meia encosta de uma colina, olhando o nascente.”*

Foi no ano de 1891 que Lima Barreto, seu pai e irmãos foram obrigados a mudar-se para o Galeão, logo após a queda da monarquia, quando João Henriques perdeu o emprego que tinha como tipógrafo na *Tribuna Liberal*. Graças a ajuda de um amigo dos tempos do Império, seu pai conseguiu arranjar um cargo de almoxarife das Colônias de Alienados da Ilha do Governador.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. P. 63.

<sup>2</sup> Francisco de Assis BARBOSA: *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1981. P. 38.

No início dos anos 90, Afonso estudava no Liceu Popular Niteroiense e passava somente os finais de semana em casa, pois era aluno interno deste colégio. Todos os sábados, um empregado das Colônias vinha buscá-lo em Niterói e levá-lo para a companhia do pai e dos irmãos. As lembranças boas deste tempo, ele confessa ainda em *Feiras e Mafuás*, ao afirmar a saudade que sentia do Zé da Costa quando vinha apanhá-lo no Liceu,

*“(...) lembro-me dele, quando aos sábados, ia buscar-me no colégio, naqueles dias ansiosos e satisfeitos da minha meninice, isenta ainda de qualquer visão amarga do mundo e do desespero do meu próprio destino.”*<sup>3</sup>

É bem verdade, que mesmo com essa confissão sobre os dias felizes de sua infância vividos naquele lugar, a amargura e o ressentimento podem ser notados na narração e não deixam de emprestar um tom triste a esta lembrança. O sofrimento com o preconceito, a loucura do pai, a frustração de seu projeto de vida e a forma como, anos mais tarde, Lima Barreto foi parar no asilo acabavam roubando o gosto bom de suas lembranças e é provável que tenham despertado o ressentimento que tanto invadiu as páginas de sua literatura.

Este sentimento pode ajudar a compreender uma das dimensões dos textos literários de Lima Barreto, ressaltada por Sevcenko no livro *Literatura como Missão*, ao assinalar que a experiência dolorosa dos humilhados relaciona-se com um ideal de justiça e de *“máxima confraternização entre os membros da humanidade”*<sup>4</sup> Isto explica, um dos elementos centrais da literatura do escritor, a perspectiva social atrelada a uma linguagem simples e de conteúdo humanitário.

O tema do ressentimento pode iluminar a análise dos textos de Lima Barreto, mesmo com as dificuldades que este universo de leituras desperta. O trabalho organizado por Maria Stella Bresciani e Márcia Naxara e recentemente publicado foi responsável pela aproximação entre o tema do ressentimento e as questões que se apresentam à história e ao historiador. Nele, historiadores de diversas procedências, ao tomarem como objeto de análise sentimentos e emoções demonstram a dificuldade das ciências históricas para incorporar, como objeto de investigação, os sentimentos

<sup>3</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1956. P.64.

individuais e coletivos. Na coletânea que reúne os trabalhos apresentados em um simpósio internacional, a discussão sobre o ressentimento desvela abordagens que procuram expor “*por meio de linguagem, ou melhor, das linguagens, aquilo que guardamos no mais recôndito de nosso foro íntimo*”<sup>5</sup>. O objetivo dos autores é realizar uma investigação que privilegie memórias de sentimentos negativos, de humilhações e de rancores não deixando de relacioná-los com as “*evocações da parte sombria, inquietante e freqüentemente terrífica da história.*”<sup>6</sup> É nesta perspectiva, que o testemunho das angústias e sofrimentos encontrados nos escritos de Lima Barreto será abordado, como uma voz sobre sentimentos que podem se relacionar com um contexto social mais amplo, iluminando a parte inquietante da história.

#### 4.1 As primeiras páginas do *Diário...*

A nomeação de seu pai como almoxarife e, posteriormente, administrador das Colônias de Alienados constituiu o primeiro passo de Lima no sentido de aproximar-se do cotidiano da alienação. Essa proximidade seria o início da reiterada experiência de íntima convivência com o ambiente da loucura que teria ao longo da vida. Em *Diário do hospício* Lima Barreto menciona “*(...) minhas convivências com loucos*”<sup>7</sup>, permitindo inferir que adquiriu certa intimidade e até mesmo uma familiaridade com as manias e comportamentos dos doentes mentais. O convívio desde cedo com alienados conferiu-lhe a oportunidade de conhecer médicos e enfermeiros, e alguns deles o escritor reconheceu dos tempos da meninice na Ilha do Governador, quando esteve internado no Hospício Nacional de Alienados, como o enfermeiro Santana e o Dias, inspetor da seção Calmeil daquele Hospício.

*“O inspetor da seção é um velho português de perto de sessenta anos, que me conhece desde os nove. Ele foi em 90, com meu pai, nomeado escriturário das colônias da*

<sup>4</sup> Nicolau SEVCENKO: *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. P.185.

<sup>5</sup> Maria Stella BRESCIANI e Márcia NAXARA (orgs): Apresentação. In: \_\_\_\_\_: *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001. P.09.

<sup>6</sup> IDEM.

<sup>7</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Diário do hospício; o cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de editoração, 1993. P.72.

*ilha do Governador, exerceu as funções de enfermeiro-mor da colônia Conde de Mesquita.*”<sup>8</sup>

É interessante salientar que esse contato inicial com a alienação se deu de forma bastante diferente das experiências vividas por Lima anos mais tarde. A lembrança da infância vivida na Ponta do Galeão se relaciona antes com um cenário de liberdade e de brincadeiras de seu tempo de criança, e não com as imagens dolorosas que assombrariam o escritor a partir da doença paterna. Para Lima Barreto, o período vivido na Ilha do Governador e a primeira convivência com a loucura alheia estão ligados ao sustento da própria família e às recordações idílicas e saudosas, nas quais “*a saudade, a solidão e o desamparo procuram acolhimento e companhia junto à rememoração e compreensão dos acontecimentos passados.*”<sup>9</sup> Mas, não falta a dor do futuro, quando o escritor rememora a sua infância e ainda que a boa lembrança que guardou consigo destes momentos esteja presente, a intensidade das cores da amargura e do desencanto é que predominam na sua escrita. A constante recordação dos delírios do pai, o trato íntimo com a doença mental fazem com que *rumine na dor* e seja invadido por uma memória *intestinal que o invade mesmo a contragosto*<sup>10</sup> e talvez possa justificar a recorrência com que estas lembranças tristes surjam na produção literária do romancista.

Com o pai responsável pela custódia e alimentação de quase duzentos loucos internados nestas Colônias tornou-se inevitável uma convivência mais próxima da loucura, “*Quando menino, muito vi loucos*”<sup>11</sup> afirmou no *Diário do hospício*. Lima Barreto entrava, pela primeira vez em contato com o universo da loucura e este universo, sem poder adivinhar, o próprio escritor viria a conhecer por ângulo mais doloroso, anos mais tarde, em suas internações no Hospício Nacional de Alienados.

As Colônias da Ilha do Governador, como ficariam conhecidas, foram criadas no final do período monárquico e começariam a funcionar em 1890. No princípio seriam destinadas aos alienados e alienadas da cidade. Porém, dois anos mais tarde, as mulheres que se encontravam aí internadas seriam transferidas para o Hospício Nacional de Alienados e as Colônias passariam a destinar-se somente aos pacientes

<sup>8</sup> IDEM. *Ibidem*. P.29.

<sup>9</sup> Lilian Maria LACERDA: *Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica*. In: Ana Chrystina Venancio MIGNOT et alii (orgs): *Refúgios do eu – educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. P. 94.

<sup>10</sup> Paul ZAWADDZKI: *O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia*. In: Maria Stella BRESCIANI e Márcia NAXARA: *Op. Cit.* 2001. P.375.

masculinos<sup>12</sup>. Juntos, as Colônias e o Hospício Nacional de Alienados constituíam a Assistência Médico-Legal de Alienados e era para as colônias que deveriam ser encaminhados os alienados indigentes que tivessem condições de dedicar-se ao trabalho de exploração agrícola, de acordo com o Artigo 3 do Decreto 206. Neste sentido, as Colônias representavam uma alternativa para o tratamento terapêutico dos alienados, pretendendo ser um avanço para a assistência psiquiátrica brasileira.

O médico Teixeira Brandão, um dos principais nomes da medicina da época e primeiro Diretor Geral da Assistência Médico-Legal de Alienados, aumentava a lista daqueles que concordavam com o preceito médico relacionado à idéia de recuperação do louco através do trabalho. Para Brandão, recolher o doente mental significava tentar recuperá-lo e torná-lo útil, de acordo com os parâmetros científicos do período. Essa tentativa de aproveitar aqueles cuja cura ainda era possível poderia ser de grande interesse para o Estado.

*“(...) a alienação mental tem maiores probabilidades de cura quanto mais cedo for tratada. É negligência econômica do Estado só acolher o alienado quando ele está incurável, elemento social que se perdeu, colaborador de menos para o engrandecimento e prosperidade da riqueza pública.”<sup>13</sup>*

A princípio, as Colônias possuíam um caráter provisório, até a construção de algo melhor e mais apropriado. O ideal é que fossem construídas instalações próprias para o tratamento dos doentes mentais, como insistiam os médicos alienistas. Porém, enquanto isto não ocorria, foram adaptados os prédios já existentes nas fazendas de São Bento e do Barão de Itacuruçá.<sup>14</sup>

Em *Coisas do Reino do Jambon*, Lima Barreto caracterizou o lugar como pacato e rural. E, anos mais tarde, Afonso afirmaria ser essa imagem que lhe proporcionou uma *visão dos costumes e hábitos roceiros*.

*“Vivendo, por assim dizer, isolada do Rio de Janeiro, quase sem comunicações diárias com o centro urbano,*

<sup>11</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.39.

<sup>12</sup> Magali Gouveia ENGEL: *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. P.257.

<sup>13</sup> APUD Roberto MACHADO et alii: *Da (n)ação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. P. 492.

<sup>14</sup> Paulo AMARANTE: *Psiquiatria Social e Colônias de alienados no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social, 1982. P.105.

*(...) estava toda ela [a ilha] entregue a moradores pobres, (...). Essa espécie de enclave que era a ilha do Governador naquele tempo, profundamente rural e pobre, aqui pertinho da capital do Brasil, foi que me deu uma reduzida visão da roça e de hábitos e costumes roceiros.”<sup>15</sup>*

O isolamento ao qual se referiu Lima Barreto e o ambiente rural forneciam as condições para que os alienados, assim classificados pela medicina da época, pudessem dedicar-se ao trabalho agrícola. Os indivíduos internados nestes asilos eram, sobretudo, os doentes mentais crônicos, alcoólatras e epiléticos. O próprio Juliano Moreira em alguns dos seus relatórios, afirmava a importância de uma atividade produtiva como regeneradora daqueles considerados loucos.<sup>16</sup> A função do trabalho na terapia psiquiátrica era moralizar e disciplinar, mas a partir do início do século XX a adaptação ao trabalho também seria critério de avaliação do grau da doença mental e de capacidade de recuperação do doente. O trabalho não era mais, de acordo com Portocarrero, *“uma técnica terapêutica, mas constitui um fator fundamental para discernir entre o indivíduo normal, socializado – que produz – e o anormal, degenerado – improdutivo.”*<sup>17</sup> Além disso, a prática de um ofício assegurava-lhes uma forma de sobrevivência e, portanto, de reintegração na sociedade quando saíssem do asilo.

A abolição da mão-de-obra escrava e a intensificação das relações de trabalho livre supunham um esforço no sentido de instaurar uma ética positiva do trabalho que, por sua vez, reforçava a crença de que o trabalho seria um recurso terapêutico indispensável para a recuperação de criminosos e marginais e para o tratamento da alienação, tanto no Hospício Nacional, quanto nas Colônias de Alienados da Ilha do Governador.<sup>18</sup> A sua implantação também garantia a manutenção do asilo, já que a proposta era fazer com que os doentes mentais produzissem suas próprias roupas e alguns dos alimentos que consumiam.

De acordo com Engel, as Colônias possuíam dois fundamentos básicos quanto à administração, o primeiro consistia em *“proporcionar aos alienados a ‘ilusão de*

<sup>15</sup> APUD Maria Cristina Cortez WISSENBAACH: Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: Nicolau SEVCENKO (org): *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Páginas 117 e 118.

<sup>16</sup> Magali Gouveia ENGEL: Op. Cit. 2001. P. 316.

<sup>17</sup> Vera Maria PORTOCARRERO: *Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Mestrado, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 1980. P. 131.

<sup>18</sup> Magali Gouveia ENGEL: Op. Cit. 2001. P.311.

*liberdade*''',<sup>19</sup>, permitindo que esquecessem o ato de seqüestro e de isolamento que caracterizam a internação no asilo e o segundo fundamento dizia respeito à tentativa de “*tornar ‘aproveitáveis’, indivíduos considerados ‘inúteis’*”,<sup>20</sup> preocupação esboçada pelo médico Teixeira Brandão, como já foi visto. Ainda que as atividades agrícolas fossem as mais importantes, os alienados também cuidavam de serviços na lavanderia, na cozinha, nas oficinas de carpintaria e de tipografia que existiam nestas instituições.<sup>21</sup>

É oportuno lembrar que somente os que eram considerados indigentes seriam mandados para as Colônias. Na verdade, a prática da terapia psiquiátrica fundamentada no trabalho do doente mental funcionou principalmente como uma fonte poderosa de controle das camadas mais pobres da população internadas nestas instituições asilares, já que o “*trabalho permite o controle de cada ato, de cada gesto; permite coordenar e ordenar o corpo e a mente*”<sup>22</sup>. Além do caráter disciplinador, este recurso terapêutico ainda proporcionaria mão-de-obra gratuita para o próprio sustento tanto do hospício, quanto das Colônias.<sup>23</sup>

No ano de 1902, as denúncias de irregularidades na administração do Hospício Nacional de Alienados levaram o Ministro da Justiça a nomear uma comissão para apurar as condições de assistência aos alienados internados naquela instituição.<sup>24</sup> Com a administração de Rodrigues Alves e as reformas empreendidas na cidade, o velho casarão da Praia Vermelha seria também alvo de mudanças. Essa interferência no hospício e, posteriormente nas Colônias produziria um efeito desastroso na vida de João Henriques, pai do escritor, que já sofria com as primeiras crises nervosas.<sup>25</sup>

Este episódio é bastante significativo para a compreensão das angústias e do sofrimento que a partir deste momento atingiriam a vida de Lima Barreto, ao mesmo tempo em que indicam a mudança de suas impressões sobre a loucura. O convívio com alienados, médicos e enfermeiros dos tempos das Colônias da Ilha do Governador não estava impregnado com o sentimento de pavor que a imagem da alienação lhe provocaria após o enlouquecimento de seu pai. *A visão amarga do mundo e do*

<sup>19</sup> IDEM.

<sup>20</sup> IDEM.

<sup>21</sup> IDEM. Ibidem. P.312.

<sup>22</sup> Roberto MACHADO (org) et alii: *Da(n)ação da Norma: a Medicina Social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978. P.441.

<sup>23</sup> Magali Gouveia ENGEL: Op. Cit. 2001. P.316.

<sup>24</sup> IDEM. Ibidem. P.284.

<sup>25</sup> Francisco de Assis BARBOSA: Op. Cit. 1981. Páginas108 e 109.

*desespero de seu destino*<sup>26</sup> invadiria a sua vida e se transformaria, muitas vezes, em matéria-prima de sua literatura.

O interesse expresso em suas páginas sobre a loucura e os temas que com ela se relacionam, na perspectiva da época, tais como raça, alcoolismo e ciência, receberiam em algumas de suas obras uma posição de destaque e é neste sentido que configuram material repleto de elementos para a investigação sobre a alienação, no período inicial da administração republicana. As lembranças registradas na escrita autobiográfica do romancista sustentam-se em fatos e acontecimentos históricos, que, ao mesmo tempo, ampliam e informam aspectos de nossa história, como afirmou Lilian Maria de Lacerda, “*Descrevem, detalham, precisam e explicitam os cenários pouco iluminados pelos grandes refletores históricos.*”<sup>27</sup>

#### **4.2. O cotidiano da loucura: a experiência doméstica**

Os delírios de João Henriques se tornavam mais intensos, pois temia que descobrissem algo que pudesse acusar a sua administração de algum ato ilícito, e, por essa razão, o doutor Braule Pinto examinou o doente e aconselhou a família a afastá-lo da Ilha do Governador. Para o médico, não havia outra forma de curar suas crises, senão abandonar a administração das Colônias e ir descansar longe do ambiente de trabalho. Neste momento, começava o calvário ao qual tantas vezes o romancista se referiu em seus escritos e a intensidade deste sofrimento pode ser observada através de um dos testemunhos do personagem de *O cemitério dos vivos*, *Vicente Mascarenhas*. Na ocasião de seu internamento no hospício *Vicente* lamentava, “*Oh! Meu Deus! Tanto faz, lá ou aqui... Sairei desta catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa.*”<sup>28</sup>

Com a doença do pai, Lima Barreto foi obrigado a abandonar a Escola Politécnica. O romancista precisava arcar com as despesas da casa e da família pois, na condição de filho mais velho, deveria cuidar do sustento familiar. A demora em conseguir a aposentadoria de João Henriques, somada aos problemas que se amontoavam diante do escritor, fizera com que pleiteasse uma vaga na administração pública, o que aconteceu

<sup>26</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1956. P.64.

<sup>27</sup> Lilian Maria LACERDA: Op. Cit. 2000. P. 90.

<sup>28</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.60.

em outubro de 1903, quando o cronista seria nomeado para o cargo de amanuense da Secretaria de Guerra. Assim, o sonho de construir uma grande obra que fosse reconhecida e, quem sabe, lhe desse fama, se perdia no desespero em que havia se transformado a sua vida. Era como se as frustrações que havia experimentado até então e todo o ressentimento que sentia explodisse numa onda que o paralisava e o impedia de *re-agir*. Como um homem ferido remoia os sofrimentos, sentia-se devorado pela dor e a iniciativa de começar algo novo não podia senão ser “*abolida pela sobrecarga de um passado que o entrava e o submete.*”<sup>29</sup>

O trabalho na Secretaria era suportado por causa das crises de seu pai, já que Afonso precisava do dinheiro para pagar as dívidas de João Henriques e seu tratamento, por isso resistia no emprego público que não lhe trazia nenhuma realização pessoal. Sobre a Secretaria desabafou no *Diário Íntimo* em janeiro de 1914, “*Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha*”. O ambiente de bajulações também era referido por Lima Barreto no *Diário Íntimo* como algo que lhe causava repugnância e não combinava em nada com o seu caráter. Crítico da República, de suas instituições e dos mecanismos utilizados por aqueles que conduziam as decisões no país, o cronista Lima Barreto soube identificar e denunciar a estrutura de favor que prevalecia nas repartições públicas, pois não perdia a oportunidade de proclamar “*o grau desmoralizante de corrupção política e econômica que empestava o regime.*”<sup>30</sup> As crônicas que escreveu abordaram os assuntos mais diversos, todavia Beatriz Resende destaca que a leitura de suas obras não deve ser tratada somente como uma sátira ou crítica ao poder, mas sim como uma leitura que precisa cruzar-se com

*“a história das repúblicas brasileiras que se seguiram, com outras formações discursivas não apenas teóricas mas artísticas e do comportamento social. Uma leitura em confluências.”*<sup>31</sup>

É importante lembrar que o testemunho do escritor Lima Barreto deve ser analisado como o testemunho de um indivíduo que viveu os acontecimentos próprios de sua contemporaneidade e por isso é “*(...) prisioneiro de sua época*”<sup>32</sup>. Na perspectiva

<sup>29</sup> Paul ZAWADDZKI: Op. Cit. 2001. P.375.

<sup>30</sup> Nicolau SEVCENKO: Op. Cit. 1999. P.169.

<sup>31</sup> Beatriz RESENDE: Introdução. In: Lima BARRETO: *Os bruzundangas*. Rio de Janeiro: Artium, 1998. P.16.

<sup>32</sup> IDEM.

de Bakhtin, no entanto, os estudos sobre literatura devem ajudar a fornecer condições para que as épocas posteriores o liberem desta prisão<sup>33</sup> e desta forma, auxiliarem na compreensão da literatura como parte intransferível do contexto de toda a cultura.<sup>34</sup>

Lima, no entanto, suportava os aborrecimentos por seu pai, e por isso pôde afirmar “*Estou na secretaria a aborrecer-me com os decretos; levemos a cruz ao Calvário, por amor ao meu pai*”. Ao fim, se conseguisse pagar todas as dívidas de João Henriques e ainda cercá-lo do conforto, Lima gostaria de ver realizados três desejos, que deixou registrados em seu *Diário Íntimo*, dos quais, por certo, apenas um pôde ser cumprido

“(…) *que Deus me dê felicidade suficiente para pagar tudo que meu pai deve. E se eu isso fizer e se conseguir cercar-lhe o resto da vida da abundância que ele tem direito, eu só peço três coisas: Um amor, Um belo livro, E uma viagem pela Europa e pela Ásia.*”<sup>35</sup>

Mais uma vez a literatura desponta entre os principais desejos do escritor e é possível imaginar a força da desgraça que se abateu sobre sua vida devido, sobretudo, à experiência da loucura no âmbito pessoal e familiar. E foi na época que seu pai apresentou as primeiras crises que Afonso recebeu de presente do doutor Braule Pinto um livro do alienista britânico Maudsley, intitulado *O Crime e a Loucura*. Inspirado na leitura deste livro, o romancista escreveria no *Diário Íntimo* um decálogo com o qual pretendia orientar sua vida. Em uma das determinações anotadas consta a orientação de “*Não beber excesso de coisa alguma.*” Afonso se lembraria de sua promessa no momento da segunda internação no Hospício Nacional de Alienados, ao começar as primeiras linhas do *Diário do hospício*, com o seguinte registro:

“(…) *escrevi um decálogo para o governo da minha vida; entre os seus artigos havia o mandamento não beber alcoólicos, coisa aconselhada por Maudsley, para evitar a loucura. Nunca o cumpri e fiz mal.*”<sup>36</sup>

<sup>33</sup> APUD Beatriz RESENDE: Introdução. In: Lima BARRETO: Op. Cit. 1998. P.16.

<sup>34</sup> IDEM.

<sup>35</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Diário Íntimo*. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora Mérito S.A., s/d, [1953]. Páginas 40 e 41.

<sup>36</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.35.

Com esta declaração, Lima Barreto indicava não só o arrependimento de não ter seguido as determinações sugeridas na obra do alienista Maudsley, mas a relação que, na esteira das teses do autor, percebia entre o vício da bebida e a loucura.

A referência à obra do alienista britânico pode ser um indício importante na investigação da forma através da qual o romancista se relacionava com os textos que lia. As citações realizadas pelo escritor são características próprias da escrita autobiográfica e de diário e, podem revelar-se uma das muitas formas de conexão com “*certos pontos de vista ou afinidades intertextuais*”<sup>37</sup> do autor. A citação do texto sobre a loucura é um indício de como a leitura desta obra esteve ligada às reminiscências do romancista e pode servir de elo entre o presente e o passado, evidenciando como o escritor “*se posiciona com relação a esse passado através do que cita e do que incorpora como parte de suas lembranças.*”<sup>38</sup>

O trecho retirado do diário de Lima Barreto mais uma vez traz à tona a sua preocupação com a doença mental e as relações que esta possui com o alcoolismo, assunto que esteve na pauta das discussões médicas na virada do século passado e foi abordado no capítulo anterior deste trabalho. O próprio médico Juliano Moreira defenderia a construção de um reformatório para os alcoólatras e afirmava,

*“A intoxicação alcoólica acaba produzindo completo estado de demência. Demência apática em alguns; agitada em outros; simples enfraquecimento do espírito em muitos.”*<sup>39</sup>

O doutor Duque Estrada também compartilhava as mesmas idéias do médico Juliano Moreira, e ambos se alinhavam às premissas difundidas por Morel, para quem a transmissão hereditária estava relacionada ao vício e a loucura. Em tese intitulada *Etio-Patogenia do Delírio Alcoólico (contribuição ao seu estudo)*, Duque Estrada alertava quanto às condições em que os loucos entravam para o asilo,

*“Se em todos os indivíduos observados na clínica psiquiátrica, a perturbação mental não é exclusivamente devida ao álcool, raro é aquele em que, nos seus*

<sup>37</sup> Lilian Maria LACERDA: Op. Cit. 2000. P.91.

<sup>38</sup> IDEM.

<sup>39</sup> Juliano MOREIRA: *Quais os melhores meios de assistência aos alienados?* Relatório apresentado ao IV Congresso Médico Latino Americano. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909. Seção de Obras Gerais da Biblioteca Nacional.

*antecedentes, esse tóxico não possa figurar como fator importante na etiologia do caso observado.”<sup>40</sup>*

A ligação entre álcool e demência inclui-se na lista de temas privilegiados pelos alienistas brasileiros e não é à toa que o escritor dedica algumas páginas do *Diário do Hospício* para tratar do assunto, sob o título de *A minha bebedeira e a minha loucura*. O questionamento se a bebida era realmente a causa de sua loucura foi uma das preocupações evidenciadas na interrogação, “*Houve quem perguntasse: bebemos porque já somos loucos ou ficamos loucos porque bebemos?*”. Afonso, nessa passagem, também relaciona o álcool com a possibilidade da transmissão hereditária do hábito da bebida, mais um ponto discutido pelos médicos alienistas e uma das aflições que tanto o acompanharam durante a vida. Embora em outra passagem de seu *Diário*, tenha afirmado aceitar o diagnóstico de alcoolismo<sup>41</sup>, levantava a dúvida sobre a possibilidade deste ter sucumbido ao vício em função da hereditariedade.

Ao entrelaçar memória e ficção, o escritor deixa escapar o que poderia ser a sua opinião sobre a relação comumente feita entre loucura, álcool e transmissão hereditária,

*“(...) a hereditariedade não há de pesar só sobre este e sobre aquele, cujos antecedentes são conhecidos, mas sobre todos nós. (...) A explicação por hereditariedade é cômoda, mas talvez seja pouco lógica.”<sup>42</sup>*

A afirmação entra em confronto com algumas orientações científicas da época e busca questioná-las, já que ao tentar construir as suas próprias concepções acerca da loucura, como afirmou Engel, Lima Barreto romperia com a “*pretensão dos alienistas de reivindicar para si o monopólio da verdade da loucura.*”<sup>43</sup> As dúvidas apontadas pelo escritor demonstram que o tratamento dispensado aos que eram classificados como doentes mentais não escapou das críticas, mesmo com o avanço que as medidas republicanas representaram para o cuidado daqueles internados nos asilos.

<sup>40</sup> APUD Hermeto LIMA: *O alcoolismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914. P.52.

<sup>41</sup> “*De mim para mim, tenho certeza de que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material, há seis anos, me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura, deliro.*” Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.23.

<sup>42</sup> IDEM. Ibidem. Páginas 148 e 149.

<sup>43</sup> Magali Gouveia ENGEL: *A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto: críticas e cumplicidades*. Trabalho apresentado no XX Encontro Nacional de História, ANPUH. Niterói: UFF, 2001 (mimeo). P.19.

Diante das afirmações científicas sobre a alienação algumas perguntas surgiram em relação às práticas psiquiátricas, eram “vozes que, cheias de dúvidas, mantinham concepções e práticas não medicalizadas em relação à loucura”.<sup>44</sup> É interessante observar que, como uma dessas vozes, Lima Barreto percebia o seu delírio como consequência de inúmeros fatores além do álcool e, na busca das causas de sua loucura iria mais longe, revelando o desejo de ter direito ao conhecimento de si e da própria moléstia,

*“Cheio de mistério e cercado de mistério, talvez as alucinações que tive, as pessoas conspícuas e sem tara possam atribuí-las à herança, ao álcool, a outro qualquer fator ao alcance da mão. Prefiro ir mais longe...”<sup>45</sup>*

Talvez esta observação explique as críticas que o escritor fez ao diagnóstico e tratamento da alienação mental, que o fizeram ressaltar que cada caso deveria ser analisado de acordo com as particularidades e os motivos singulares que faziam um indivíduo ser conduzido ao hospício. Por isso, como foi apontado anteriormente, Lima destacou positivamente a conduta do médico Juliano Moreira no período que permaneceu internado no asilo da Praia Vermelha.

Os aborrecimentos de sua vida cotidiana causados pela doença de seu pai, pela obrigatoriedade do sustento da família e ainda a frustração em ver o sonho literário ruir, somados ao vício do álcool, regavam e fortaleciam o território do sofrimento em que Lima viveu e enraizavam ainda mais seu ressentimento. A paixão pela literatura, a decepção por não ter conseguido alcançar o que planejara para si mesmo, a vergonha de sua casa, a visão aterradora da loucura, transformaram-se em material para seu ofício literário e moviam o sentimento de justiça que acompanhou o escritor. Esse sentimento de ver-se injustiçado é que o romancista esperava ver reconhecido e, portanto, recompensado.<sup>46</sup> A espera por recompensa indica a vontade de que a justiça seja feita, assim como a passagem do Evangelho de Mateus que Lima Barreto escolheu para abrir as páginas do *Diário Íntimo*

*“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça; porque serão satisfeitos.”<sup>47</sup>*

<sup>44</sup> IDEM. Ibidem. P.04.

<sup>45</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.38.

<sup>46</sup> Paul ZAWADDZKI: Op. Cit. 2001. P.377.

<sup>47</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Lima Barreto: prosa seleta*. Organização Elaine Vasconcellos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. P.1208.

E no ano de 1914 Afonso sentiria, pela primeira vez em sua própria pele, o que significava estar entre aqueles considerados loucos, por ocasião de sua internação no Hospício Nacional de Alienados.

#### 4.3 A chegada ao hospício - notas da *Praia da Saudade*

*“É indescritível o que se sofre ali, assentado naquela espécie de solitária, pouco mais larga que a largura de um homem, cercado de ferro por todos os lados, com uma vigia gradeada, por onde se enxergam as caras curiosas dos transeuntes a procurarem descobrir quem é o doido que vai ali. A carriola, pesadona arfa que nem uma nau antiga, no calçamento; sobe, desce, tomba p’ra aqui, tomba para ali; o pobre-diabo lá dentro, tudo liso, não tem onde se agarrar e bate com o corpo em todos os sentidos, de encontro às paredes de ferro; e, se o jogo da carruagem dá-lhe um impulso para frente, arrisca-se a ir de fuças de encontro à porta de praça-forte do carro-forte, a cair no vão que há entre o banco e ela, arriscando a partir costelas... Um suplício destes, a que não sujeita a polícia os mais repugnantes e desalmados criminosos, entretanto, ela aplica a um desgraçado que teve a infelicidade de ensandecer, às vezes, por minutos...”*

(Lima Barreto, *Diário do Hospício*)

O relato impressionante de como os indivíduos eram levados para o hospício foi registrado por Lima Barreto através da fala do personagem *Vicente Mascarenhas* em *O cemitério dos vivos*. A longa citação é necessária para demonstrar o quanto o episódio da própria internação marcou o romancista. É possível perceber na narração do caminho percorrido por este *desgraçado*, como é mencionado no texto, não só a angústia e o sofrimento do próprio Afonso Henriques de Lima Barreto ao ser levado para o hospício da Praia Vermelha, mas também a de todos aqueles que eram encaminhados para o asilo. O eco de seu ressentimento pode ser ouvido na literatura que produziu, pois suas obras estão pontilhadas pelo sofrimento que a todo instante o fazia rememorar os episódios tristes da sua vida. Feridas que não conseguiu fazer

cicatrizar e por isso mesmo, mancharam a literatura que produziu com o espectro do desespero e do aniquilamento de si mesmo.<sup>48</sup>

O escritor percorreu o caminho até o hospício num carro-forte de polícia, embora com o consentimento de seus familiares, o que o fez relatar este episódio com grande amargura, cinco anos mais tarde, no *Diário do hospício*, quando estava internado pela segunda vez no manicômio. Afonso censurou a atitude de seus familiares e principalmente o procedimento pelo qual a polícia se utilizara para levá-lo ao asilo, assim por ele descrito “(...) *eu não posso deixar de censurar a simplicidade dos meus parentes, que me atiraram aqui, e a ilegalidade da polícia que os ajudou.*”<sup>49</sup>

Era através da intervenção do Chefe de Polícia ou do Delegado de Polícia que aqueles considerados insanos e que vagavam pelas ruas, ameaçando com sua presença o cotidiano da cidade, eram internados no hospício. Em muitos casos, estes futuros pacientes eram admitidos sem nenhuma espécie de formalidade, o que dava margem a diversos casos de abuso do poder. O procedimento tomado em relação à internação era arbitrário e ilegal, aspecto que Lima Barreto fez questão de denunciar. O escritor não se conformava com a sua internação e, segundo registro da ficha policial, no momento da entrada no hospício, o médico responsável afirmou que o paciente protestava contra o seu *seqüestro*, pois “*vai de encontro à lei, uma vez que nada fez que o justifique*”<sup>50</sup>

De acordo com o Chefe de Polícia do Distrito Federal era preciso ordenar o espaço urbano, manter a ordem imposta, reprimir a vadiagem, enfim, empenhar-se para que o habitante da cidade fosse poupado da desgraça que assolava a via pública. Tal tarefa, ainda de acordo com a autoridade policial, devia caber à Polícia,

*“Vem de longe a luta em que a polícia se empenha para poupar ao habitante carioca ou ao forasteiro a triste impressão da miséria que implora na via pública.”*<sup>51</sup>

Um grande número de indivíduos era recolhido das ruas pelas mãos da Polícia. Estes indivíduos que não possuíam uma atividade regular capaz de ser reconhecida como trabalho, viviam nas ruas, andrajosos, e eram apontados como motivo de vergonha para a cidade, pois sua presença revelava a condição de miséria a que estavam

<sup>48</sup> Maria Stella BRESCIANI e Márcia NAXARA: Op. Cit. 2001.

<sup>49</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.54

<sup>50</sup> Ficha de internação de Lima Barreto, cfr. Francisco de Assis BARBOSA: Op. Cit. 1981. P.355.

<sup>51</sup> Relatório do Chefe de Polícia do Distrito Federal ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, Anexo C. P. 10.

submetidos e determinava a classificação destas pessoas como vadias. Neste sentido, o controle do louco surgiria atrelado a um plano de repressão à desordem, à mendicância e à ociosidade, evidenciando as categorias sociais cujo modo de vida e *uso da cidade*<sup>52</sup> poderiam se transformar em objeto de disciplinarização.

Era dentro deste cenário bastante complexo, que a polícia devia agir. E foi este o panorama mais geral que explica por que Lima Barreto também foi internado no Hospício da Praia da Saudade.

Mesmo com as angústias e com o sofrimento vivido dentro do manicômio e evidenciado mais tarde em seu *Diário do hospício*, o cronista descobriu ser a intervenção da polícia em sua vida o que mais lhe perturbava e causava agonia. Lima admitia que sua loucura provinha do álcool e das apreensões que a vida lhe costumava causar, porém, o caminho para o hospício pelas mãos da polícia era, para ele, insuportável “*Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida.*”<sup>53</sup>

Aos olhos do personagem central no romance inacabado *O cemitério dos vivos*, o modo como foi conduzido até o hospital psiquiátrico representava uma medida inútil e estúpida, pois concordaria em seguir até o manicômio pacificamente, fosse com um policial ou não. Na verdade, a reação daquele que era encaminhado ao hospício pouco importava, pois qualquer que fosse o seu comportamento, ele sempre estaria relacionado a algum indício da doença, seja “*rebelando-se contra a internação no hospício ou aceitando-a (...)*”<sup>54</sup>

Para *Mascarenhas* este recurso *violento e antipático* utilizado pelas autoridades públicas transformava aquele que era considerado doente mental em indivíduo extremamente perigoso, um verdadeiro criminoso, que ameaçava qualquer um que ousasse atravessar o seu caminho.

*“A medicina, ou a sua subdivisão que qualquer outro nome possua, deve dispor de injeções ou lá que for, para evitar esse antipático e violento recurso, que transforma um doente em assassino nato involuído para fera.”*<sup>55</sup>

<sup>52</sup> Benilton Bezerra JUNIOR et alii. *Cidadania e Loucura. Políticas de Saúde Mental no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. P. 12.

<sup>53</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.23.

<sup>54</sup> Magali Gouveia ENGEL: Op. Cit. 2001. P. 59.

<sup>55</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.122.

Nos primeiros anos da República, a polícia assumiu um papel muito importante no que era visto como a ordenação das ruas da Capital Federal. Era necessário, de acordo com as autoridades públicas, eliminar o cenário de miséria que persistia no convívio urbano. De acordo com Marcos Bretas, o Estado demonstrava

*“a constante indefinição do limite entre ação policial e arbitrariedade, criando uma zona cinzenta mal regulada, onde se movem policiais e marginais em confrontos que se definem em si, de forma extralegal. Por sobre a realidade do cotidiano inicia-se a montagem de uma polícia profissional, sustentada ideologicamente pelo cientificismo da época.”<sup>56</sup>*

Os projetos de ordenação, revestidos com caráter científico, são intensificados com a proclamação da República e incluíam a polícia como um dos elementos essenciais para que um bom resultado fosse alcançado.

É importante destacar que o alienado não era propriamente um criminoso, contudo, estava dentro do projeto científico para recolher, de acordo com a própria legislação da época, àqueles *indivíduos que perturbassem a ordem ou ameaçassem a vida de outrem*, ameaça que era atribuída também aos que eram considerados alienados, pois encarnavam a imagem do perigo e da miséria ao perambularem pelas ruas da Capital.

Com a perspicácia que lhe era própria, o cronista da revista *Careta* transpôs para a ficção algumas de suas percepções sobre as atitudes tomadas pela polícia. Uma vez que ficção e realidade caracterizam elementos difíceis de serem dissociados na literatura barretiana, o testemunho de *Vicente Mascarenhas* poderia ser tomado como a opinião do escritor sobre o assunto.

*“A polícia, não sei como e por que, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis. Suspeita de todo o sujeito estrangeiro com nome arrevesado, assim os russos, polacos, romaios são para ela forçosamente cáftens; todo o cidadão de cor há de ser por força um malandro; e todos os loucos hão de ser por força furiosos e só transportáveis em carros blindados.”<sup>57</sup>*

<sup>56</sup> Marcos Luiz BRETAS: *A Guerra das ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. P. 36.

<sup>57</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.121.

Além de narrar as suspeitas policiais em relação aos estrangeiros que viviam na cidade e o seqüestro dos loucos, o trecho acima mostra a preocupação do escritor em relação ao problema racial. Lima Barreto denunciava as ações nas quais os negros eram tratados como suspeitos preferenciais da polícia e com isso chamava a atenção para as teorias racistas que tiveram bastante influência nas investigações científicas do período. A idéia de que os negros possuíam *defeitos* insuperáveis, faziam com que fossem identificados na classe dos indivíduos tidos como perigosos.<sup>58</sup>

O encontro nas ruas entre a autoridade policial e a população muitas vezes produzia uma ação policial injusta e opressiva. Um dos fatores importantes para a compreensão deste quadro é o processo de escolha do Chefe de Polícia do Distrito Federal, realizado diretamente pelo Presidente da República e pelo Ministro da Justiça. A nomeação ocorria geralmente entre os bacharéis ou doutores em direito, ainda que esta medida somente se tornasse obrigatória a partir de 1900. Vale ressaltar este aspecto, pois mesmo tratando-se de um cargo de tanta responsabilidade para o poder público, o Chefe de Polícia muitas vezes desconhecia os problemas da cidade e às vezes ignorava tanto a geografia quanto os hábitos e costumes locais.<sup>59</sup>

Era, portanto, pelas mãos da polícia que muitos dos doentes eram encaminhados ao hospício e internados na classe dos indigentes e essa foi a experiência do escritor Lima Barreto. Ali, os alienados menos abastados recebiam uma classificação diferenciada e que interferiria nas acomodações dentro do ambiente asilar. Esse fato e tantos outros que observou dentro do manicômio, impulsionaram Lima Barreto a demonstrar interesse em escrever um livro sobre os hospitais psiquiátricos, desejo que o escritor confessou em entrevista ao jornal *A Folha*. “*Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos.*”<sup>60</sup>

Na época de sua internação, alguns dos seus livros já estavam publicados, como *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Memórias do Escrivão Isaías Caminha* e sua notoriedade como escritor pode ser constatada na ficha de entrada do Hospício Nacional de Alienados, pois de acordo com o médico que o examinou

---

<sup>58</sup> Sidney CHALHOUB: *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P.25.

<sup>59</sup> Cfr. Marcos Luiz BRETAS: Op. Cit. 1997. P. 39.

<sup>60</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *O Cemitério dos Vivos. Memórias*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. P.258.

*“O observado Afonso Henrique [sic] goza nos meios literários da reputação de um escritor talentoso e forte, cheio de mordacidade. Aliás, alguns de seus trabalhos evidenciam esses méritos de escritor. Parece que nas palestras de café é o observado muito querido por seus ditos chistosos e picantes.”<sup>61</sup>*

Mesmo depois de duas passagens pela reclusão do hospício e com o incorrigível vício de beber *Paraty*, Afonso chegaria a gozar de certo reconhecimento ainda em vida. A declaração do alienista que o examinou no ato de sua internação e as relações que cultivava com alguns nomes importantes do mundo das letras, como Monteiro Lobato<sup>62</sup> e Bastos Tigre<sup>63</sup> indicavam que gozava de alguma notoriedade. Em uma de suas crônicas publicadas na revista *Careta* no ano de 1921, Lima Barreto chegou inclusive a lamentar não conseguir atender aos autores que lhe enviavam livros com a esperança de que recebessem comentários do romancista, *“São tantos que não me é possível atendê-los logo.”<sup>64</sup>*

Na entrevista realizada dentro do Hospício Nacional de Alienados, ao ser perguntado se algum interno o reconheceria, o escritor afirmaria que até aquele momento isto não havia acontecido. Lima acreditava que ao passar despercebido pela instituição, poderia

*“observar melhor (...), por experiência própria, a maneira como eram tratados os loucos desprotegidos e sem dinheiro – que no Hospício também predomina o ‘pistolão’, é preciso que se note.”<sup>65</sup>*

A afirmação, no entanto, revela a preocupação do escritor em garantir para si um lugar diferenciado dentro do hospício em relação aos companheiros que com ele dividiam a *sombria cidade de lunáticos*. Na verdade, Lima não estava ali como mero espectador dos episódios que aconteciam por trás das paredes do velho casarão da Praia

<sup>61</sup> IDEM. Ibidem. P.267 e 268.

<sup>62</sup> Coleção Lima Barreto. Correspondência. Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Catálogo de Coleções, gaveta 17. ABN, v.105, p.187. Trata-se de correspondência pessoal trocada entre os dois escritores nos anos de 1918, 1919, 1920 e 1922. Nelas, Lima Barreto e Monteiro Lobato escrevem sobre assuntos diversos, desde a vocação de escritor no Brasil até a preocupação demonstrada por Lobato em relação às notícias de internamento de Lima.

<sup>63</sup> *“Como ficasse tarde, recolhi-me ao quarto do Tigre(...). É um tipo de literato do Brasil, esse meu amigo Tigre, inteligente, pouco estudioso, fértil(...).”* Em: Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 2001. P.1252.

<sup>64</sup> IDEM. Ibidem. P.916.

<sup>65</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1956. P.259.

Vermelha, havia sido internado como um qualquer e também estava submetido aos tratamentos psiquiátricos destinados aos que eram conduzidos ao hospício. *A crônica da loucura* foi escrita de forma singular, bem diferente das crônicas que costumava escrever diariamente, pois sua elaboração surgiu a partir das observações e das experiências cotidianas que o escritor teve com a doença mental. A intenção de denunciar o pistolão dentro do manicômio, de narrar o tratamento dos loucos escondia antes a vergonha de estar confinado no asilo, a humilhação de encontrar-se entre os que não eram de sua condição<sup>66</sup> e apontava a desesperadora tentativa do romancista para não perder a *razão*. A dor do amor-próprio ferido fazia com que Afonso buscasse diferenciar-se dos outros pacientes e reforçaria as cores de seu ressentimento. A intenção de descrever como eram tratados os loucos desprotegidos relaciona-se também com o projeto que almejava para sua vida literária.

Lima considera a atividade de escritor como um compromisso com o debate dos problemas de seu tempo e, por considerar esse compromisso parte do ofício das letras afirma que o escritor não devia temer opinar sobre qualquer tema de sua época, “(...) *a minha obrigação de escritor leva-me a dizer alguma coisa a respeito, a fim de que não pareça que há medo em dar sobre a questão, qualquer opinião.*”<sup>67</sup>

#### 4.4 – O compromisso com a *realidade* – um projeto literário

A função crítica e ativista sempre teve destaque nas obras escritas por Lima Barreto e os personagens que criou trazem características próprias do ambiente agitado da Belle Époque. A pretensão do autor era conseguir “*abranger o maior volume possível da realidade social, traduzindo, inclusive e sobretudo, as suas várias fissuras e tensões.*”<sup>68</sup> E foi justamente a coragem de opinar, que em muitas das suas obras denunciou não só as questões ligadas à loucura como também os principais acontecimentos ocorridos nos primeiros anos republicanos.

Um dos seus projetos seria, através de sua literatura, contar a vida e o trabalho dos negros. O seu desejo era narrar a vida na escravidão através de um romance e para

<sup>66</sup> “*O meu transplante forçado para outro meio que não o meu. A necessidade de convivência com os do meu espírito e educação.*” Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.86.

<sup>67</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Impressões de leitura*. Prefácio de M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. P.20.

<sup>68</sup> Nicolau SEVCENKO: Op. Cit. 1999. P.163.

realizar este projeto precisava debruçar-se sobre cuidadosa pesquisa, uma vez que gostaria que esta fosse a sua grande obra. “*Como exija pesquisa variada de impressões e eu queria que esse livro seja, (...), a minha obra-prima, adiá-lo-ei para mais tarde.*”<sup>69</sup> Lima chegava até mesmo a sonhar com o reconhecimento europeu que viria, talvez, através desta realização literária, “*Ah! Se eu alcanço realizar esta idéia, que glória também! Enorme, extraordinária e – quem sabe? – uma fama européia.*”<sup>70</sup>

A pesquisa variada de impressões à qual se referiu, incluía a observação feita, quando de suas internações, sobre a comunicação entre os loucos, o vício incontrolável do cigarro e a própria dificuldade em reproduzir a conversa entre os internos. Afonso fazia observações sobre os tipos de loucos, suas manias e, desta forma, recolhia dados para o livro que pretendia escrever. No diário que escreveu dentro do hospício registrou alguns temas que pretendia discorrer sobre a vida no asilo, a intenção era “*observar as reações da loucura sobre a articulação da palavra; alguns trôpegos da língua; alguns balbuciam, e outros, quase mudos.*”<sup>71</sup>

Estes comentários incluem tanto as questões médicas, quanto as de administração asilar, não deixando escapar nem mesmo a descrição das seções nas quais os pacientes estavam distribuídos. Além da separação, que implicava uma diferenciação entre os pacientes segundo o seu lugar social, o espaço asilar era demarcado por uma divisão de gênero. “*Segundo depreendi, as seções principais do Hospício propriamente são quatro: Pinel e Calmeil, para homens; Morel e Esquirol, para mulheres.*”<sup>72</sup>

Homens e mulheres ficavam separados cumprindo uma determinação do decreto 1077 do ano de 1852, momento da inauguração do antigo Hospício de Pedro II. Outras medidas também foram anunciadas naquele momento, como a determinação de que os indivíduos admitidos gratuitamente deveriam ser os indigentes, até 1888 os escravos cujos senhores não possuíssem outros escravos e não tivessem como custear o seu tratamento e os marinheiros de navios mercantes, de acordo com o Artigo nº 5. Os que fossem internados como pensionistas, compreendiam os de 1ª classe, que possuíam o direito a quarto separado e tratamento especial e os de 2ª classe, com direito a quarto separado para dois alienados e tratamento especial também. E por fim aqueles que

<sup>69</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Diário Íntimo*. In: Op. Cit. 2001. P.1247.

<sup>70</sup> IDEM.

<sup>71</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.177.

<sup>72</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.176.

fossem internados nas enfermarias gerais, de acordo com o Artigo 7, compreendiam a 3ª classe e englobavam livres ou escravos.

Da mesma forma, os internos eram discriminados quanto ao seu comportamento. Os alienados indigentes e os pensionistas de última classe seriam distribuídos nas seguintes subdivisões, 1ª tranqüilos limpos, 2ª agitados, 3ª imundos e 4ª afetados de moléstias acidentais. Enquanto os pensionistas de 1ª e 2ª classes eram subdivididos em tranqüilos limpos e agitados, conforme Artigo 19.<sup>73</sup> Cabe destacar, que a classe dos pensionistas também possuía um critério de divisão diferenciado no que diz respeito ao comportamento dos internos, em relação aos outros grupos de doentes.

Após a Proclamação da República, como foi visto no capítulo anterior, o objetivo da instituição asilar ficava mais evidente. A determinação era de que o Hospício Nacional de Alienados deveria recolher “*Todas as pessoas que, por alienação mental adquirida ou congênita, perturbarem a tranqüilidade pública(...)*”, segundo uma determinação da lei. A ampliação da esfera de controle da loucura, praticada pelo poder público e pela polícia, acabava por contribuir para o aumento da população internada no manicômio. Durante aproximadamente cinquenta anos foram recolhidos ao Hospício de Pedro II cerca de 6.040 doentes mentais, enquanto somente no período de 1890 a 1894, 3.021 alienados foram conduzidos ao Hospício Nacional. Estes dados foram apresentados no relatório da assistência Médico-Legal de Alienados divulgado pelo médico Teixeira Brandão<sup>74</sup> e mostram como a superlotação do hospício tornava-se um agravante para o tratamento dos loucos dentro da instituição.

O médico Juliano Moreira também chamou a atenção para este assunto, segundo ele o contingente de novos alienados crescia devido a alguns imigrantes, aos negros e indígenas degenerados e ao surgimento de uma população periférica pobre em torno dos centros urbanos, além, é claro dos doentes crônicos que eram encaminhados para o hospício, como os tuberculosos e leprosos.

Foi na classe dos indigentes, que Lima Barreto deu entrada no hospício. A sua primeira internação no *Cemitério dos Vivos*, como qualificou o asilo de loucos da Praia Vermelha, aconteceu no dia 18 de agosto de 1914. Após ter uma crise de alucinações, a família decidiu mandá-lo para a casa de um tio em Guaratiba, com a esperança de que lá pudesse curar os efeitos que o álcool produzia em sua saúde. Porém, a permanência na

<sup>73</sup> Coleção de Leis do Brasil, 1852. Arquivo Nacional.

<sup>74</sup> APUD Magali Gouveia ENGEL: Op. Cit. 2001. P. 253.

casa de seu tio Bernardino Pereira de Carvalho não amenizou a crise. Afonso delirava e em seu delírio enfrentava fantasmas, que segundo ele, o atormentavam e o perseguiram em razão de suas inclinações anarquistas.

Como a crise não abrandasse, o irmão autorizou que a polícia o levasse para o Hospício Nacional de Alienados da Praia Vermelha, numa viagem longa, cuja narração pode ser identificada através de situação análoga vivida por seu personagem central em *O cemitério dos vivos*. Além deste relato, o escritor, dias depois, escreveu o conto *Como o 'homem' chegou*, sobre a dramática viagem de um pobre homem até o asilo de loucos.<sup>75</sup>

A humilhação que sofreu com a internação no Hospício Nacional de Alienados fez com que Lima conhecesse o estado mais degradante que um ser humano poderia chegar ao ser classificado como alienado, fosse pelo vício do álcool, fosse por uma degeneração ou moléstia qualquer. Há nesse registro o eco de muitas internações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, já que o escritor foi capaz de descrever muito bem a gama de emoções e de sentimentos que envolviam um indivíduo não só no momento de ser conduzido ao hospício, mas também nas situações que teria que enfrentar no ambiente asilar. Como no episódio em que foi obrigado, junto com outros loucos, a lavar o banheiro do sanatório e logo após tomar banho, todos juntos de portas abertas e completamente nus, situação que despertou nele intenso sentimento de pudor e o fez lembrar da cena descrita por Dostoiévski na obra *Casa dos Mortos*. A rememoração desta experiência e a associação feita pelo autor entre as suas lembranças e o livro do escritor russo reforçam uma das características identificáveis da literatura de diário<sup>76</sup>. Analisar as citações feitas por Lima Barreto é também tentar desvendar o percurso de suas leituras e a ligação que possuem com aspectos marcantes de sua trajetória, como o foi o enlouquecimento de seu pai. A escrita que conduz ao cenário de desespero e de abandono é também o desnudamento do cotidiano asilar de centenas de homens e mulheres que viveram sob o espectro da loucura no período em questão. Ao afirmar, numa entrevista concedida a um periódico da época, que a ida para o hospício aconteceu por sua vontade própria, é provável que o escritor procure dissimular a dor e o aniquilamento de si mesmo ao ser flagrado numa condição deplorável, internado na

---

<sup>75</sup> Sobre o depoimento de Carlindo de Lima Barreto e a relação entre o conto e a ida de Lima Barreto ao hospício, cfr. FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA: Op. Cit. 1981. Páginas 225 a 227.

<sup>76</sup> Lilian Maria LACERDA: Op. Cit. 2000. Páginas 91 e 92.

seção destinada aos doentes mais miseráveis, aqueles que a sociedade renegou. A reclusão na classe dos indigentes feria o orgulho dos que para ela eram conduzidos e, com a sensibilidade que caracteriza sua escrita, Lima soube descrever o impacto da internação nesta ala do hospício, *“aquela em que a imagem do que a desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável.”*<sup>77</sup>

Em conversa com o jornalista de *A Folha* negou ter sido levado para o hospício num carro-forte de polícia e este fato confirma a vergonha da passagem pela seção dos indigentes. Em declaração ao jornal, garantiu que seu irmão, convencido de que precisava de repouso, o conduziu de carro para o hospital psiquiátrico da Praia Vermelha.

*“Estando um pouco excitado, é natural, por certos abusos, resolveu meu irmão que eu necessitava de descanso. E, um belo dia, meteu-me num carro e abalou comigo para cá.”*<sup>78</sup>

Sua entrevista, porém, contrasta com a ficha de observação, na qual constam os dados do autor no momento da internação. A guia policial indica a sua entrada pela mão da polícia, tanto na primeira vez que foi internado quanto na segunda. Francisco de Assis Barbosa atesta na biografia do autor a contradição no seu testemunho e aponta que Lima Barreto foi levado para o hospício pelas autoridades policiais e com o consentimento da família, corroborando mais uma vez o sentimento de vergonha sentido por aqueles que sofriam a internação na seção dos indigentes. Nas duas fichas de observação do paciente está registrada a entrada feita pela *Repartição Central de Polícia*. *“É bom esclarecer que Lima Barreto sempre deu entrada no Hospício, nas duas vezes que lá esteve internado, pela mão da polícia(...).”*<sup>79</sup>

Como Lima, muitos indivíduos sem eira nem beira seriam internados no asilo, pois a miséria era um dos aspectos com os quais a prática do internamento estava relacionada. Na história da loucura, a reclusão demarca um evento decisivo, segundo Foucault: *“o momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, (...) o momento em que começa a inserir-se no texto dos problemas da cidade.”*<sup>80</sup>

<sup>77</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.25.

<sup>78</sup> Entrevista concedida ao jornal *A Folha* em 31/01/1920. Cfr. Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1956. P.258.

<sup>79</sup> Cfr. nota em Francisco de Assis BARBOSA: Op. Cit. 1981. P. 301.

<sup>80</sup> Michel de FOUCAULT: *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: editora Perspectiva, 1978. P. 78.

Portanto, aqueles identificados como doentes mentais, que perambulavam pela cidade com aspecto miserável, deveriam ser recolhidos e tratados. A reclusão – na prisão ou no hospício – pretendia garantir o ordenamento da cidade e manter longe do olhar da população os indesejáveis, fossem eles loucos, mendigos, alcoólatras ou quaisquer outros desafortunados cujo comportamento ou aspecto perturbasse a ordem que se pretendia impor.

O tom de indignação com o qual Lima Barreto se referia às internações e ao tratamento dentro do asilo, não o impediam de também admitir que algumas vezes a convivência neste ambiente pudesse temperar o seu caráter, atitude que encarava como positiva. A declaração foi feita através de um dos personagens criados pelo autor, *“acho uma tal aventura útil, pois temperou o meu caráter e certifiquei-me capaz de resignação.”*<sup>81</sup>. Ao mesmo tempo em que criticou o confinamento no hospício e o espetáculo de horror que a loucura proporcionava, assumia que a resignação produzida no ambiente do manicômio, causava certo conformismo capaz de anular comportamentos rebeldes, tão relacionados aos doentes mentais, fazendo com que o doente sáísse mais *“conformado com a realidade”*.<sup>82</sup>

A posição de ambigüidade diante de algumas argumentações científicas deve ser relacionada à atmosfera impregnada pelo poder regenerador da ciência na qual viveu, o que em nenhum momento foi empecilho para que chamasse a atenção quanto ao cunho discriminatório adquirido pela ciência na passagem do século. O foco de interesse do escritor voltava-se para o exercício da profissão médica e a relação de proximidade que manteve com a medicina desde a infância e, mais tarde, com a própria condição de paciente forneceram o conteúdo das críticas sobre o sistema de tratamento psiquiátrico.

Na defesa de outras formas de tratamento médico para algumas moléstias, o escritor mostrou-se a favor da utilização da homeopatia e fez duras observações às autoridades públicas e aos médicos que condenaram a iniciativa,

*“Se eles fossem verdadeiramente cientistas haviam de ter dúvidas e nunca tentariam estabelecer na Terra a ditadura dos médicos, porque esta só seria válida se a medicina fosse uma verdade perfeitamente e completamente estabelecida.”*<sup>83</sup>

<sup>81</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.123.

<sup>82</sup> Magali Gouveia ENGEL: Op. Cit. 2001 (mimeo) P.34.

<sup>83</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1956. P.56.

A crônica foi escrita no ano de 1921, após as duas passagens de Lima Barreto pelo Hospício Nacional de Alienados o que denota significado especial ao texto, pois é possível fazer a relação entre os relatos que deixou sobre doença mental e as tentativas de aplicação de novos tratamentos psiquiátricos, em que era fácil perceber um relacionamento hierárquico entre psiquiatra e paciente, mesmo reconhecendo que às vezes o paciente pudesse apresentar um conhecimento mais legítimo e verdadeiro sobre si mesmo.<sup>84</sup>

Dentro do hospício questionava as medidas terapêuticas que os médicos aplicavam aos doentes e sentia medo que esses *doutores mundanos*<sup>85</sup> pudessem aplicar-lhe um novo método para curar o alcoolismo. Sentia-se como quem perdia o direito sobre o próprio corpo, assim como um cadáver de anatomia, como assinalou nas anotações de *O cemitério dos vivos*, por meio do personagem Vicente Mascarenhas<sup>86</sup>. Esses fatores faziam com que Lima Barreto alimentasse “*uma sensação de não pertencimento, oscilando como um pêndulo entre o lugar de observador e o lugar de observado*”<sup>87</sup>, como ressaltou Engel.

Como a maior parte dos intelectuais de seu tempo sentia a força da crença na ciência, mas ousava discutí-la, rejeitando algumas de suas determinações, principalmente quando estas se referiam ao universo da loucura. Este ponto de tensão tão freqüente nos textos do escritor é importante e indica que, “*Os atores históricos não são modelos de coerência, continuidade, racionalidade; as tensões entre o vivido e o imaginado e desejado são fundamentais.*”<sup>88</sup>

A negligência do regime republicano diante dos problemas que atingiam aos mais desfavorecidos ocupou as páginas de sua literatura, “*devemos nos preocupar principalmente em acabar com a miséria, com a pobreza.*”<sup>89</sup> A perspectiva social assumida pelo autor é percebida através da integração entre realidade e informações biográficas identificadas em suas obras. O projeto literário que tinha em mente, devia instigar e despertar aqueles que viviam no que denominou de *doçura deprimente* e tinha a pretensão de que seu trabalho pudesse modificar alguns aspectos da sociedade, não só

<sup>84</sup> Magali Gouveia ENGEL: Op. Cit. 2001 (mimeo) P.27.

<sup>85</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1993. P.40.

<sup>86</sup> IDEM. Ibidem. P.175.

<sup>87</sup> Magali Gouveia ENGEL: Op. Cit. 2001 (mimeo) P.10.

<sup>88</sup> Vavy Pacheco BORGES: Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: Maria Stella BRESCIANI e Márcia NAXARA (orgs): Op. Cit. 2001. P.306.

<sup>89</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1956. P.58.

no que diz respeito às condições sociais, mas também em relação ao convencionalismo literário tão presente na produção intelectual do período. Era o *antiacadêmico*, diria Francisco de Assis Barbosa.

*“Se eu pudesse, (...), eu havia de ser assim um Rousseau, ao meu jeito, pregando à massa um ideal de vigor, de violência, de força, de coragem calculada que lhes corrigisse a bondade e a doçura deprimente.”*<sup>90</sup>

O ideal de justiça e de fraternidade que defendia estavam intimamente relacionados a uma das dimensões de sua literatura destacada por Sevcenko<sup>91</sup>, o da experiência dolorosa dos humilhados e ofendidos. A percepção de uma nova sociedade que crescia mergulhada na discriminação racial, na inibição de qualquer princípio de solidariedade e na intolerância à diferença aguçava no escritor a vontade de escrever pregando esse ideal de democracia e de justiça. Na análise de Max Scheler, as cicatrizes deixadas pelo ressentimento intensificariam o desejo de igualdade e o reparo das injustiças cometidas contra o indivíduo ressentido. Segundo esse autor, é possível estabelecer uma relação entre sentimento moral – ressentimento – e o advento da democracia<sup>92</sup>. Neste sentido é preciso articular as *“dimensões psicológica (individual) e política (coletiva)”* e observar como é construída a partir do sentimento de indignação uma certa idéia de justiça<sup>93</sup>, sentimento este que tantas vezes Lima Barreto indicou em suas crônicas, diários e romances.

Para Lima, a arte teria o poder de transmitir idéias e sentimentos e permitia-lhe escapar das circunstâncias particulares e cotidianas para as decisões sobre o destino da humanidade, chegando *“a supor a literatura como um complemento ou um sucedâneo para a religião”*<sup>94</sup>.

A literatura foi, realmente, a grande paixão da vida do escritor. Por ela, enfrentou a falta de recursos materiais, os problemas domésticos, o vício da bebida e até a loucura. Os autores que consumiram as horas de leitura do romancista forneceram segundo ele, a sabedoria e a oportunidade de conhecer-se a si mesmo. A sua literatura seguiu ininterrupta, mesmo com as internações e o álcool, e criou, com grande maestria, um

<sup>90</sup> Francisco de Assis BARBOSA: Op. Cit. 1981. P.175.

<sup>91</sup> Nicolau SEVCENKO: Op. Cit. 1999. P.194.

<sup>92</sup> Paul ZAWADDZKI: Op. Cit. 2001. P.373.

<sup>93</sup> IDEM. Ibidem. P.374.

<sup>94</sup> Nicolau SEVCENKO: Op. Cit. 1999. P.168.

relato sobre sentimentos e angústias de humilhados e principalmente dos que sofreram por serem classificados como loucos.

Por todas as atribuições pelas quais atravessou, reconheceu amargamente que todo o esforço e precaução para alcançar um grande futuro foram vãos e através da voz de sua *Clara dos Anjos* resumiu esse sentimento numa frase terrível:

“- *Nós não somos nada nessa vida.*”<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Clara dos Anjos. In: \_\_\_\_\_: Op. Cit. 2001. P.916